

O grande eleitor

RAUL PILLA

A intervenção do presidente da República na escolha do sucessor tem sido considerada grandemente perversora do regime e, por isto, encontra sempre a mais decidida oposição. Fortes agitações sacudiram o País e até uma revolução se fez contra a condenável prática.

Nem com isto se corrigiu o mal. Pelo contrário, agravou-se êle enormemente, pois o resultado da vitória revolucionária foi fazer-se eleger o presidente a si mesmo e transformar-se, depois, em ditador. E agora, nesta renovação presidencial, do chefe do Estado, da sua vontade e dos seus caprichos tem pendido tudo.

O sistema presidencial está, pois, seguindo a sua tendência característica na América Latina. Nada haveria que estranhar nisto, se uma grave modificação não se estivesse operando no processo. Até há poucos anos, era condenável e condenada a indêbita intervenção do presidente da República na escolha do sucessor, mas agora não sómente se tolera, senão que ainda se preconiza ela como verdadeira necessidade do regime. Uma parte da imprensa, por exemplo, não se tem limitado a aprovar a manhosa ação do sr. Eurico Dutra, e dêle tem reclamado maior decisão no exercício do que considera uma prerrogativa presidencial. Segundo tais folhas, o Supremo Magistrado da Nação, não sómente pode, mas também deve interferir. Ele é e deve ser o grande eleitor da República.

Bem se vê, pois, que dentro do atual regime não tem possibilidades e desenvolvimento democrático. Longe de atenuar-se, a ditadura presidencial se vai continuamente agravando e normal já se está considerando o que antes se tinha por verdadeira e condenável anomalia. Não apresenta o atual mecanismo constitucional nenhuma mola, em que se possa apoiar a restauração democrática. Cumpre substituí-lo, enquanto é tempo, pois a própria consciência democrática está desaparecendo.